13ª REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd
EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2140 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 02 - História da Educação

MULHERES NO MAGISTÉRIO SECUNDÁRIO: IDENTIDADES E TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS DAS PRIMEIRAS PROFESSORAS DO COLÉGIO PEDRO II

Paloma Rezende de Oliveira - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

MULHERES NO MAGISTÉRIO SECUNDÁRIO: IDENTIDADES E TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS DAS PRIMEIRAS PROFESSORAS DO COLÉGIO PEDRO II

RESUMO

O presente artigo analisa as condições que contribuíram para o processo de mudança no Colégio Pedro II, criado em 1837, no Rio de Janeiro, possibilitando que, em 1927, as mulheres ingressassem no quadro docente desta instituição de ensino secundário, até então constituído exclusivamente por professores do sexo masculino. Nos primeiros levantamentos realizados no arquivo do Colégio Pedro II – NUDOM, localizamos quatro mulheres atuando como professoras suplentes ou auxiliares, naquele ano. Outros estudos sobre a presença feminina no Colégio apontaram ainda que o ingresso de mulheres se deu inicialmente no corpo discente (ALVES, 2009; COSTA, 2002). As contribuições da atual análise é dar visibilidade a estas mulheres em seus combates e conquistas no espaço público e privado (PERROT, 2017), estabelecendo possíveis aproximações com a perspectiva de “intelectuais mediadores”, apresentada por Gomes e Hansen (2016) e trazendo elementos que ajudem a constituir as trajetórias profissionais destas primeiras professoras.

Palavras-chave: história das mulheres; Colégio Pedro II; trajetórias.

MULHERES NO MAGISTÉRIO SECUNDÁRIO: IDENTIDADES E TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS DAS PRIMEIRAS PROFESSORAS DO COLÉGIO PEDRO II

RESUMO

O presente artigo analisa as condições que contribuíram para o processo de mudança no Colégio Pedro II, criado em 1837, no Rio de Janeiro, possibilitando que, em 1927, as mulheres ingressassem no quadro docente desta instituição de ensino secundário, até então constituído exclusivamente por professores do sexo masculino. Nos primeiros levantamentos realizados no arquivo do Colégio Pedro II – NUDOM, localizamos quatro mulheres atuando como professoras suplentes ou auxiliares, naquele ano. Outros estudos sobre a presença feminina no Colégio apontaram ainda que o ingresso de mulheres se deu inicialmente no corpo discente (ALVES, 2009; COSTA, 2002). As contribuições da atual análise é dar visibilidade a estas mulheres em seus combates e conquistas no espaço público e privado (PERROT, 2017), estabelecendo possíveis aproximações com a perspectiva de “intelectuais mediadores”, apresentada por Gomes e Hansen (2016) e trazendo elementos que ajudem a constituir as trajetórias profissionais destas primeiras professoras.

Palavras-chave: história das mulheres; Colégio Pedro II; trajetórias; primeiras professoras

INTRODUÇÃO

Este trabalho constitui uma pesquisa mais ampla que intenta traçar a trajetória profissional das primeiras professoras do Colégio Pedro II, instituição de ensino secundário, criada no Rio de Janeiro, em 1837. O quadro docente deste estabelecimento foi constituído exclusivamente por professores do sexo masculino, desde seu primeiro ano de funcionamento até o ano de 1927, quando se notou a presença das primeiras mulheres em sua composição.

Outros estudos sobre a presença feminina no Colégio apontaram ainda que o ingresso de mulheres se deu inicialmente no corpo discente, em 1883, e, posteriormente, em 1927 (ALVES, 2009; COSTA, 2002). A partir destes estudos, procuramos, então, apontar as condições sociais experimentadas pelas primeiras professoras e as ações coletivas nas quais se inscreveram, dando visibilidade a essas mulheres em seus combates e conquistas no espaço público e privado, no sentido tratado por Perrot (2017).

Esta autora denuncia o silenciamento que as mulheres, suas histórias e produções sofreram a despeito de saberes constituídos, os quais se davam como “universais”, em decorrência de seu “caráter predominantemente masculino”, desvelando uma dimensão sexuada da sociedade e da história e propondo uma história das mulheres em que estas são protagonistas, ou seja, têm papel ativo e promotor de mudança.

Portanto, não deteremos a análise de suas trajetórias profissionais somente ao trabalho desenvolvido na instituição, mas também buscaremos elementos que ajudem a configurar sua formação, bem como suas atuações em outros espaços públicos, tais como: associações, sociedades, instituições escolares, sindicatos, imprensa, etc.

Para refletirmos sobre as condições e circunstâncias que fizeram com que as mulheres ocupassem o magistério secundário em uma instituição de ensino cujo quadro docente era composto exclusivamente por professores do sexo masculino, foi preciso pensar as trajetórias das primeiras professoras associadas à questão de gênero.

A concepção de gênero que nos propomos a adotar neste artigo é vista como relacional, pois, busca perceber as relações sociais entre os sujeitos e um modo de significar as relações de poder. O estudo das relações de gênero requer a articulação com os estudos das relações de poder, uma vez que este é entendido como exercido e mutável (SCOTT, 1990).

Com base nessa perspectiva, buscamos estabelecer possíveis aproximações das trajetórias destas professoras com a nova acepção de “intelectual” trazida por Gomes e Hansen (2016), que se diferencia da perspectiva tradicional da história política, a qual relaciona esta categoria às pessoas que cultivam desinteressadamente a universalidade do espírito. O “Intelectual”, enquanto mediador cultural, é considerado na perspectiva mais ampla apresentada pelas autoras como sujeito da produção de conhecimentos e da comunicação de ideias, podendo estar direta ou indiretamente vinculado à intervenção político-social. É também tratado como ator estratégico nas áreas da cultura e da política, ocupando posição de reconhecimento na vida social. Desse modo, passam a integrar a categoria: as mulheres, que atuaram como escritoras, professoras, autoras, dentre outros, sendo necessário conhecer suas experiências, percursos e estratégias intelectuais.

O COLÉGIO PEDRO II: APONTAMENTOS SOBRE MUDANÇAS NO MAGISTÉRIO SECUNDÁRIO

Em estudo sobre a classe de professores repetidores e sua implementação no Colégio de Pedro II, durante a Reforma Couto Ferraz, em 1854, voltou-se a atenção para os primeiros concursos realizados para a seleção de professores e a trajetória de alguns deles dentro e fora do colégio. Foi analisado um conjunto de fontes selecionadas no Arquivo Nacional/RJ, no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, no Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II (NUDOM) e na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Apesar da imprecisão das fontes, principalmente ao que tange à listagem de professores, foi possível constatar que os primeiros professores eram nomeados pelos ministros do Império. Este período foi marcado pela instabilidade do quadro docente, circulação entre diferentes matérias e pela interinidade. Foi em 1855, após a reforma de Couto Ferraz, dec. nº 1331A de 1854, que se instaurou a prática de concursos para o provimento dos cargos de magistério público no município da Corte, podendo-se então supor uma maior estabilização do quadro docente do Colégio Pedro II.

Contudo, somente em 1933, após a Reforma Francisco Campos, foi possível constatar a presença de uma mulher como candidata nos concursos para professor catedrático do Colégio Pedro II. Isso indica que embora tenham ocorrido mudanças no quadro docente da instituição que possibilitaram a presença de professoras, em 1927, como “suplementares” ou “estranhas” à instituição, ou ainda como “auxiliares”, o ingresso como professor catedrático permaneceu restrito aos professores do sexo masculino[1].

As categorias de professores existentes no Colégio Pedro II, foram descritas e analisadas no estudo de Soares (2014), o qual traz apontamentos sobre os aspectos da construção da identidade profissional docente no Colégio Pedro II, entre os

anos de 1927 e 1937. Os professores “suplementares” ou “estranhos” eram escolhidos pelo diretor do Colégio e submetidos à aprovação da Congregação. Apenas em 1937, eles foram submetidos a concurso de títulos e documentos para ingresso. Também os professores “auxiliares” eram designados pelo diretor, porém, eram contratados para o ensino de línguas vivas estrangeiras pelo método direto, estabelecido pelo decreto 20833, de 21 de dezembro de 1931 (SOARES, 2014, p.128).

De acordo com informações presentes nos estudos realizados por Costa (2002) e Alves (2009) sobre a presença feminina no Colégio Pedro II, foi a partir de 1927, que as meninas passaram a ocupar definitivamente os bancos escolares do Colégio Pedro II, embora anteriormente, em 1866, e, em 1883, também tenha sido constatada sua presença. Em 1866, por meio da participação nas conferências públicas realizadas na instituição, onde algumas mulheres estavam presentes dentre o público ouvinte e, em 1883, pela presença de alunas, transferidas dois anos depois para outra instituição. Constatou-se matrículas novamente, em 1927, embora a admissão regular das alunas tenha ocorrido efetivamente com a Reforma Francisco Campos, em 1932, quando triplicou o número de alunos gratuitos na instituição.

Os estudos apontaram também que, em 11 de outubro de 1926, a primeira mulher no quadro docente do Colégio Pedro II, Maria da Gloria Ribeiro Moss, daria início a sua jornada como professora no externato. Ela havia sido contratada para reger aulas de Química para a primeira turma suplementar do 4º ano, permanecendo nesta função até o ano de 1937.[2] Entretanto, a tentativa de ingressar na cátedra de Química, por meio de concurso realizado no ano de 1933, não foi bem-sucedida. Depois dela, outras professoras também começaram a reger aulas de Aritmética, Francês e Português, mas, até a década de sessenta, as mulheres não assumiram cátedras no Colégio Pedro II (ALVES, 2009).

Os professores catedráticos eram, em geral, homens com formação humanística, adeptos a viagens e leituras, formados nas tradicionais universidades europeias, estrangeiros ou formados nos cursos superiores de Direito, Medicina e Engenharia do país, ex-alunos do CPII, sócios do IHGB, que atuavam na imprensa ou realizavam traduções, os quais Mendonça et al (2015B) denominaram “homens-mundo”.

Apesar de algumas delas apresentarem formação superior, a não admissão de mulheres como professoras catedráticas nos leva a pensar a tentativa de garantir a permanência e manutenção do prestígio atribuído ao cargo restrito aos professores do sexo masculino, visto que somente os catedráticos podiam integrar a Congregação de professores, criada em 1932, na qual eram tomadas as principais decisões sobre a instituição, os professores e o programa de ensino, por exemplo. Os cargos administrativos, por sua vez, somente foram ocupados por mulheres em 1979 (COSTA, 2002 e ALVES, 2009).

Os estudos até então indicados sobre a presença feminina no Colégio Pedro II não se detiveram ainda sobre as trajetórias das primeiras professoras e nem sobre os espaços de formação e atuação que as mesmas ocuparam na sociedade carioca. Cabe então, extrapolar os muros da instituição, buscando identificar qual o espaço que estas primeiras professoras ocuparam não apenas no ensino, mas também no campo de produção científica da época.

PRIMEIRAS PROFESSORAS DO COLÉGIO PEDRO II: TRAJETÓRIAS CRUZADAS

Dentre as estratégias identitárias utilizadas pelas quatro mulheres que ingressaram no quadro docente do Colégio Pedro II, em 1927, com o intuito de garantir sua inserção no campo do ensino secundário, o parentesco com professores catedráticos foi uma delas, à exceção de Maria da Glória Ribeiro Moss, farmacêutica, professora da turma suplementar de química, para a qual não encontramos esta possível relação.

As outras professoras: Maria de Lourdes Nogueira, “auxiliar” de Português, tinha grau de parentesco com o professor Julio Nogueira; Aimée Ruch, professora “estranha” à instituição, que regeu a turma de Francês, mediante indicação do catedrático da disciplina, era irmã do professor Gastão Matias Ruth Sturzenecker; bem como Carmem Velasco Portinho, professora da turma suplementar de Aritmética, tinha grau de parentesco com o professor Odilon Portinho e foi a primeira mulher a lecionar no internato.

Maria da Glória Ribeiro Moss, filha de Diogo Thomaz Moss e Isabel Maria Ribeiro Moss, cujo casal teve mais cinco filhos, foi a primeira mulher a ingressar no Colégio Pedro II, em outubro de 1926. Ela regeu aulas de Química no Externato, espaço onde até então era destinado exclusivamente a docentes do sexo masculino.

Farmacêutica, professora e advogada, Maria da Glória exerceu o magistério em diferentes escolas da Prefeitura do Distrito Federal entre 1931-1937. Apesar de sua formação como farmacêutica na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e de sua experiência com o ensino de Química, Física e História Natural na Escola Normal da capital, onde exerceu o magistério entre 1922 a 1930, não obteve êxito nos dois concursos para concorrer à cadeira de Química do Colégio Pedro II, realizados em 1934 e 1938, tendo se destacado em relação aos demais candidatos na prova escrita, apesar do primeiro concurso ter sido anulado.

Além de professora do Colégio Pedro II, ela declarou na data de inscrição para o concurso para a cadeira de Química, em 1934, ter feito parte do serviço químico da Armada, além de pertencer a diversas Sociedades e Associações brasileiras e internacionais de Química, Farmácia, Direito e Educação, bem como de professores católicos e cariocas e ainda, do sindicato de professores. Consideramos que essas associações foram decisivas para embasar sua trajetória e constituir sua identidade profissional, embora ainda não tenhamos encontrado rastros de sua participação nestas

associações na documentação analisada.

Sua atuação foi marcada até então pela opção por uma profissão predominantemente masculina: o magistério secundário, percorrendo o campo educacional brasileiro no período indicado de uma maneira singular, tanto por ter se profissionalizado e se especializado em pesquisas junto ao serviço químico da Armada Brasileira, utilizando-se do método do professor alemão Dr. Dennstedt, quanto por ter orientado sua prática e suas reflexões no campo da educação, dedicando-se ao ensino de Química.

Em 1933, realizou exames na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Quando da devolução dos documentos entregues ao Colégio Pedro II, para inscrição no concurso em 1940, a mesma apresentou carimbo de advogada, sob o nº de inscrição 3228. Em 1941, ministrou uma sessão magna como médico-jurista em uma Conferência sobre educação sexual realizada na Bahia, juntamente com Walfredo Machado. Ela aparece também como integrante da Congregação do Instituto de Educação, em 1966[3]. E, novamente, em 1971, encerrando sua trajetória retorna ao Colégio Pedro II, quando então é convocada a lecionar como professora auxiliar, agora no ensino de Educação Moral e Cívica (DOU, 1971, 22 abr, p.1107). Não foram encontrados, até o momento, dados sobre seu nascimento e morte.

Em 1927, outras três professoras também foram admitidas como professoras do Colégio Pedro II, porém, também como “substitutas” ou “auxiliares”. Maria de Lourdes Nogueira, “auxiliar” de Português, integrou o grupo de mulheres anarquistas militantes no Brasil, destacando-se na defesa da emancipação feminina. Por ocasião da greve da Companhia Leopoldina, em 1920, Maria de Lourdes proferiu um discurso no comício do jardim da Praça da República, no Rio de Janeiro, apontando o anarquismo como o caminho para a libertação. Além de participar de organizações grupais e protestos públicos, assinou artigos na imprensa libertária, tais como *A Obra*, em 1920. Além disso, participou da fundação da Liga Comunista Feminina, em 27 de maio de 1919 (MARTINS, 2009).

Não foi possível constatar se ela manteve a militância durante o período em que atuou no Colégio Pedro II, desde 1927 até 1942, quando aparece como professora extranumerária mensalista, nem precisar se houve continuidade no cargo de professora durante este período. Os arquivos anarquistas não fazem referência a ela após o ano de 1920, nem sobre sua origem e data de falecimento.

Outra militante foi a professora Carmem Velasco Portinho, a única dentre as professoras do CPII que atuou no internato, dando aulas de aritmética, onde lecionou por 3 anos. Atuou no Movimento feminista junto a Berta Lutz, como vice-presidente da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, da qual foi co-fundadora. Nascida em Corumbá, em 1903, veio para o Rio de Janeiro em 1911, juntamente com seu pai, Francisco Sertório Portinho e sua mãe boliviana, Maria Velasco. A primogênita de 9 irmãos, formou-se em engenharia, em 1926; casou-se com o irmão de Berta Lutz, em 1930, e, posteriormente, com Afonso Eduardo Reidy, com quem atuou junto à construção e diretoria do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, criado em 1963. Participou da fundação da Revista da Diretoria de Engenharia do RJ, em 1930, da Sociedade de Arquitetos e Engenheiros, em 1935, e da Associação Brasileira de Engenheiros e Arquitetos, em 1937. Dirigiu a escola Superior de Desenho industrial por vinte anos, desde sua criação em 1962, além de idealizar o conjunto habitacional Pedregulho, em 1948, após viagem para estudos em Londres. Defendeu os direitos das mulheres até sua morte em 2001 (SCHUMAER, 2001).

Sobre Aimée Ruch, professora de francês em turmas suplementares, desde 1927, encontramos poucas informações, além de seu parentesco com o professor catedrático e irmão, Gastão Ruch, e sua produção intelectual, o livro: *Antologia francesa*, o qual foi utilizado no programa de ensino do Colégio Pedro II.[4]

Com tudo isso, não podemos desconsiderar que a presença de professoras e militantes anarquistas e feministas em um espaço marcadamente masculino implicou em mudança no cenário educativo da instituição e do ensino secundário, onde se constatou desde então maior presença de mulheres tanto no quadro docente quanto discente, ainda que os professores catedráticos tenham buscado estratégias de manutenção de seus privilégios no interior da instituição.

CONSIDERAÇÕES

Uma vez que os estudos sobre a presença feminina no Colégio Pedro II, não se detiveram sobre a trajetória das primeiras professoras, embora tragam dados importantes sobre a história das mulheres e da instituição, este trabalho buscou trazer alguns elementos, ainda que preliminares, que ajudem a configurar as trajetórias profissionais destas quatro mulheres.

Ainda há um longo caminho a percorrer, tanto em relação ao levantamento de fontes quanto à historicização dos dados, contudo, propomos elementos para uma análise das estratégias identitárias que estas mulheres construíram no Colégio Pedro II e na sociedade carioca, as quais permitiram mudanças no quadro docente e seu ingresso como professoras da instituição. Para isso, foi preciso identificar qual o espaço que estas primeiras professoras ocuparam não apenas no ensino, mas também no campo de produção científica da época, trazendo informações, ainda que necessitem de maior aprofundamento, sobre sua formação, atuação na imprensa, outras instituições onde trabalharam, associações, parentesco e laços de amizade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rosane S. Trajetórias femininas no Colégio Pedro II. In:*Anais da ANPUH*, 2009.

COSTA, Nailda Marinho da. *A presença feminina no Colégio Pedro II*. Disponível em: sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0541.pdf. Acesso em: 06/12/2017.

MARTINS, Angela Maria Roberti. A invisibilidade de Maria de Lourdes Nogueira: mulher, militante, libertária. Boletim do Núcleo de Pesquisa Marques da Costa, ano IV, n.12, jun, 2009.

MENDONÇA, Ana Waleska P. C., SILVA, Fernando Rodrigo dos S., OLIVEIRA, Paloma Rezende de. A classe de repetidores do Colégio de Pedro II: um degrau na carreira docente ou uma estratégia de formação? In: *Rev. bras. hist. educ.*, Maringá-PR, v. 15, n. 3 (39), p. 201-228, set/dez, 2015.

_____. De homens-mundo a especialistas: a disciplinarização do currículo da docência no Colégio Pedro II (1855-1881). In: *VIII Congresso de História da Educação:* matrizes interpretativas e internacionalização. UEM, 2015.

PERROT, Michelle. *Minha História das mulheres*. 2 ed. São Paulo. Contexto, 2017. p. 09-39.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v.16, n.2, p., 5-22, jul/dez., 1990.

SCHUMAER, Maria Aparecida. Pioneiras da ciência no Brasil. In: *VITRUVIRUS*, ano 2, ago, 2001.

SOARES, Jefferson da Costa. *Dos professores estranhos aos catedráticos:* aspectos da construção da identidade profissional docente no CPII (1925-1945). Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação. RJ: PUC-RJ, 2014.

[1] O Dec. 8051 de 1881 estabeleceu 18 catedráticos para cada estabelecimento – internato e externato - e 13 substitutos para ambos. O dec. 8227 de 1881 criou a Congregação de Professores e substitutos, o que proporcionou maior autonomização dos professores (MENDONÇA et al, 2015A).

[2] NUDOM, Livro n.2 A, p.66.

[3] Centro de Memória institucional do ISERJ. Disponível em: http://cemiiserj.blogspot.com.br/2006/05/congregao-do-instituto-de-educao.html. Acesso em 01 mai. 2018.

[4] O livro Memória de estudante, de Fernando Sigismundo traz referências à escola primária dos irmãos Ruch – Aimée e Gastão – localizada na travessa do Ouvidor, n.10, na qual o autor da biografia teria estudado, durante o período anterior a 1927, ano de ingresso como aluno no CPII.